xv abralic
experiências literárias textualidades contemporâneas

UMA FLORESTA DE HOMENS: "TRIBALISMO" E MESTIÇAGEM EM *MAYOMBE*, DE PEPETELA

Pedro Henrique Gomes Paiva[1] (UFT)
Marília Fátima de Oliveira[2] (UFT)

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a representação do "tribalismo" e da mestiçagem no romance *Mayombe* (2013), do autor angolano Pepetela, cuja temática retrata um momento turbulento da história do seu país, guiando o leitor para dentro das tensões e dramas vivenciados pelos guerrilheiros do MPLA nas frentes de batalha em Angola. Dentro da base militar comandada pelo personagem Sem Medo, o "tribalismo" e a mestiçagem são fatores determinantes das ações e dos julgamentos das personagens que compõem o destacamento, mas existem outros fatores ainda mais importantes, como os interesses particulares e o desejo de poder. Nossa intenção é elencar e demonstrar quais são estes impactos e qual a influência do "tribalismo" e da mestiçagem tanto na relação entre as personagens quanto para o avanço da revolução. Para alcançar tal objetivo, realizamos uma leitura da obra literária levando em consideração o momento histórico, o local e o contexto pós-colonial em que a narrativa emerge. Para melhor compreender a cor local, respaldamos nossa análise na obra de pesquisadores brasileiros especialistas em Pepetela, como Rita Chaves e Tânia Macedo; os conceitos culturais e pós coloniais estão embasados nas obras de Homi K. Bhabha e Stuart Hall.

Palavras-chaves: Pós-colonialismo. Cultura. Identidade. Literatura Angolana. Pepetela.

INTRODUÇÃO

Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos, mais conhecido como Pepetela, nascido em 29 de Outubro de 1941, na cidade de Benguela, tem descendência portuguesa, e foi um dos principais intelectuais engajados na luta pela libertação do seu país. Em sua vasta obra, abordou temas relacionados à Revolução vivenciada por ele não só como membro do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), a partir

[1] Mestrando em Literatura pelo PPGLETRAS/CPN, Universidade Federal do Tocantins.
[2] Doutora em Literatura pela USP; Mestre em Literatura pela USP; Licenciatura dupla (Ing. e Port) pela USP; graduada em dupla habilitação pela USP. Professora de Literatura na Universidade Federal do Tocantins - UFT.

de 1963, mas também como um dos principais ativistas do movimento revolucionário que reivindicava o direito a liberdade para os angolanos.

No romance *Mayombe* (2013) – objeto deste artigo – Pepetela constrói ficcionalmente as memórias do período em que ocorreu a guerra pela libertação de Angola, guiando o leitor entre as tensões e os dramas vivenciados pelos guerrilheiros do MPLA nas frentes de batalha contra as forças portuguesas.

Uma vez que no final do último capítulo surge a data de 1971, podemos inferir que os episódios narrados no livro se passam, aproximadamente, entre os anos 1962 e 1971, logo após uma luta armada que deflagrou o processo de descolonização do país, momento em que a revolução contra a dominação portuguesa ganhava força e os partidos revolucionários (MPLA, UPA, UNITA) partiam para o confronto armado contra as tropas europeias.

O Movimento Revolucionário enfrentava problemas políticos e questões burocráticas e ideológicas que ameaçam o sucesso da Revolução – a inexperiência dos combatentes, a ganância dos responsáveis e o ego dos superiores – são exemplos de atitudes que acabaram corrompendo as ações do partido e criando entraves para mudanças concretas.

O "tribalismo", retratado na obra como um preconceito entre os vários grupos "tribais" no período da revolução, gerava práticas discriminatórias que, se por um lado fazia nascer um sentimento de cumplicidade e aproximação entre membros originários de uma mesma tribo, por outro fomentava a segregação entre membros de tribos diferentes.

O termo "tribalismo" é questionável do ponto de vista antropológico. Alguns especialistas afirmam ser esta uma expressão pejorativa e depreciativa cunhada pela Europa para referir-se às relações sociais africanas. "Tribo" ou "tribalismo" seriam expressões representativas da visão negativa que a Europa possui sobre a África como um continente atrasado e subdesenvolvido.

Com uma abordagem diferenciada, Serrano e Waldman (2008) em *Memória d'África: A temática Africana em sala de aula*, se referem a estes conflitos como "choques interétnicos" e não como "tribalismo". Assim explicam o uso dos termos:

> [...] Na mídia, os choques interétnicos têm sido justificados a partir de um "sentimento tribal", entendido como matriz dos conflitos que dilaceram a África. Nesse entendimento, o termo "tribo", dispensando o significado que usufrui no meio antropológico, foi amplamente adjetivado. Assim sinonimizadas as situações de atraso social e cultural, a terminologia "tribal" terminou transformada em um

> expediente de manipulação. (SERRANO e WALDMAN, 2008, p.119).

Logo, os termos “tribal” ou “tribalismo” não são bem quistos nas discussões intelectuais acerca da sociedade angolana, por terem sido empregados pejorativamente nos discursos hegemônicos europeus com o objetivo de menosprezar a cultura dos países africanos. Entretanto, as palavras “tribal” e “tribalismo” permanecerão neste texto, com uso de aspas, pois Pepetela utiliza-as constantemente em sua obra como forma de representar o discurso europeu igualmente perpetuado pelos africanos durante a guerra, inclusive pelos revolucionários que, muitas vezes, ainda não haviam se emancipado intelectualmente.

Instigados pela complexidade do termo e suas consequências, pensamos analisar, sob a visão dos estudos culturais, a maneira como Pepetela representa as manifestações de “tribalismo” e a problemática da mestiçagem, verificando como estes dois aspectos influenciam as ações dos personagens e os julgamentos sobre os outros integrantes da base guerrilheira e quais os impactos desta influência para o avanço da Revolução no romance.

Uma floresta de homens

No romance *Mayombe* (2013), na base guerrilheira os personagens recebem codinomes de guerra e/ou uma função. Estes representam um traço da personalidade ou parte do passado da personagem. Os nomes verdadeiros da maioria das personagens não são sequer mencionados, mas há uma ênfase constante sobre a origem “tribal” de cada um, sendo possível assim dividi-los em grupos, de acordo com a tribo pela qual se identificam. Conforme afirma o narrador “estes dividiam-se *grosso modo* em dois grupos: os kimbundos, à volta do Chefe de Operações, e o grupo dos outros, os que não eram quimbundos: os kinkongos, umbundos e destribalizados.” (PEPETELA, 2013, p. 36). Não devemos nos deixar levar, no entanto, pela simplicidade desta divisão. Ao longo do romance, verificamos que a segregação dentro da base guerrilheira assume formas muito mais complexas.

Ao todo, contamos com treze membros de destaque na Base, incluindo o comandante, são eles: Sem Medo; o Comissário Político; o Chefe de Operações; Mundo Novo; Lutamos; Verdade; Teoria; Muatiânvua; Milagre; Ingratidão do Tuga, Pangu-A-Kitina, Alvorada e Ekuikui.

O narrador principal é um observador em terceira pessoa, onisciente quanto ao personagem Sem Medo. Além deste narrador em terceira pessoa, em determinados momentos a narrativa linear é interrompida para dar voz a outros personagens que a assumem. De acordo com Rita Chaves, "No romance de Pepetela, a incorporação de muitas vozes parece-nos a expressão do desejo de partilhar o discurso, tornando-o capaz de espelhar a pluralidade de vozes que devem compor aquela sociedade" (2009, p. 134).

A partilha do discurso acontece através de hiatos emergentes na narrativa linear. Estes hiatos acontecem em primeira pessoa, nos quais os personagens expõem suas ideias, revelam detalhes de sua história ou suas opiniões sobre os colegas ou sobre uma situação em particular. É através destas declarações, retiradas da intimidade de cada um, que podemos adentrar a cabeça de personagens secundários na trama e assim enxergarmos a história a partir de um lugar diferente, o lugar do outro. Segundo Bhabha, "o 'Outro' deve ser visto como a negação necessária de uma identidade primordial – cultural ou psíquica – que introduz o sistema de diferenciação que permite ao cultural ser significado como realidade linguística, simbólica, histórica" (1998, p. 86).

Quando Bhabha (1998) se refere ao "Outro", ele toma como parâmetro que o "Eu" do discurso seja a Europa, porém, quando empregamos aqui o termo, estamos nos referindo a diversos "Outros", pois cada personagem, no contexto do romance, se reconhecerá como uma "identidade primordial", detentora de um discurso de poder que o diferencia e o eleva acima dos demais. Como veremos mais adiante, quando um *kimbundo* é o narrador, esse "Outro" passa a ser um *kikongo* ou um *cabinda*, quando um *cabinda* narra, os "Outros" são todas as demais tribos, e assim por diante.

Pepetela relaciona história e literatura, representando ficcionalmente episódios verídicos, alguns dos quais ele presenciou, lançando um olhar diferenciado sobre a história de Angola, tornando possível associar as personagens fictícias com os sujeitos reais que fizeram parte da guerra pela libertação e morreram em defesa dos seus ideais revolucionários. Como afirma Jane Tutikian (2006):

> no entrelaçamento entre o discurso histórico e o discurso literário [...] ao historicizar a experiência colonial, Pepetela dá a ela uma perspectiva transgressora, trazendo em seu bojo a proposta de ruptura com a alienação cultural, focalizando, como quer Homi Bhabha (1998), o processo constituído na articulação das diferenças culturais. (TUTIKIAN, 2006, p. 107).

Em *Mayombe* (2013), Pepetela cria personagens-tipos que representam as diferenças étnicas-culturais-tribais existentes em Angola, transferindo para o microcosmo da base militar no *mayombe* a pluralidade de identidades que compõem a sociedade angolana. Além disso, dá voz aos diversos sujeitos representados, conferindo-lhes o poder da narrativa, fazendo com que a história seja observada de perspectivas múltiplas. Esta construção multi-discursiva articula as diferenças sociais, desnudando as tensões geradas neste espaço de negociação cultural, denominado por Bhabha (1998) de "terceiro espaço".

A seguir, elencamos cinco dos narradores de primeira pessoa criados por Pepetela, observando suas posições políticas e opiniões sobre seus companheiros para, na conclusão, analisarmos a forma como o tribalismo e a mestiçagem, manifestos nas narrativas, influenciam no desenrolar da trama bem como no processo de libertação e descolonização.

Teoria e a Mestiçagem

Apesar de o livro possuir cinco capítulos, manteremos nosso foco nos capítulos um, dois, quatro e cinco, dos quais analisaremos a representação e o discurso de algumas das personagens-narradores no romance.

O primeiro capítulo tem seu foco em uma operação realizada dentro da floresta do *mayombe* para desarticular uma base inimiga que está explorando madeira da floresta. A intenção do comando é afugentar os guardas portugueses e capturar os trabalhadores *cabindas* para escoltá-los de volta à vila. Neste capítulo, dois narradores em primeira pessoa ganham espaço nos intervalos da narrativa em terceira pessoa, o primeiro deles é Teoria.

Teoria é o professor da base guerrilheira. É um mestiço e, em decorrência de não ser nem branco nem negro, necessita manter um comportamento de autoafirmação perante os outros para se mostrar merecedor do respeito dos que são angolanos de pai e de mãe. Por ter sangue do inimigo branco e português nas veias mesclado ao sangue angolano, precisa se esforçar para ser aceito como um Revolucionário que luta pelos direitos dos angolanos. Assim, apresenta-se Teoria em uma de suas narrativas, explicando a sua condição e seu dilema:

> Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante

> português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. (PEPETELA, 2013, p. 14).

O termo saudoso com que se refere à mãe e a forma depreciativa com que se dirige a figura do pai mostram que Teoria despreza a sua origem portuguesa, o que o faz querer lutar contra a dominação, pois mesmo sendo metade português, a sua identidade nacional está com a mãe em Angola. Teoria identifica-se como angolano, mas não consegue ser aceito como tal por sua condição de mestiço, por isso, afirma não ser nem branco, nem preto, um meio termo, não pertencendo nem lá, nem cá.

Mais adiante ele afirma: "Criança ainda, queria ser branco, para que os brancos me não chamassem negro. Homem, queria ser negro, para que os negros não me odiassem." (PEPETELA, 2013, p. 18). Teoria pertence a uma parcela da população: nem branco, nem negro. Por isso, vive um sentimento dúbio que o consome, levando-o a desejar pertencer a um grupo específico. Inicialmente, desejou ser branco porque era ruim ser negro em um país dominado por uma minoria branca. Em sua fase adulta, levado por suas posições políticas e por sua condição de não-branco, desejou ser negro. Ser mestiço o torna parte do grupo dos marginalizados – nem uma coisa, nem outra. Entretanto, os negros não deixam de discriminá-lo, pois além de ser um mestiço é também um intelectual, reforçando a ideia de ser ele um privilegiado.

Em decorrência de sua condição social e cultural, fruto da migração portuguesa para a Colônia e a posterior mestiçagem, Teoria pode ser considerado um sujeito híbrido que emerge da negociação entre dois polos culturais diferentes. De acordo com Stuart Hall (2003):

> As pessoas pertencentes a essas *culturas híbridas* (grifo do autor) têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural "perdida" ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente *traduzidas* (grifo do autor). [...] Eles são o produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Eles devem aprender a habitar, no mínimo duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. (HALL, 2003, p. 89).

O conceito de hibridismo, segundo Bhabha (1998), preconiza, no encontro entre dois mundos diferentes (neste caso o Europeu e o Africano), a constante negociação entre ambas as identidades. Nesse espaço de tensão, surgirão outras identidades, oriundas desses encontros, cujas sobrevivências dependerão de articulações ainda mais complexas, pois que necessitarão negociar não entre dois, mas entre três ou mais

espaços culturais. Assim, Teoria, se encontra neste terceiro espaço - que não é o dele, nem o do outro - mas onde as culturas se tensionam e se articulam. Teoria, portanto, como se autodefine, vive no "talvez", no limiar entre polos multiculturais.

Milagre e o "tribalismo"

O segundo narrador em primeira pessoa neste capítulo é Milagre, o bazukeiro do grupo. Nascido em Quibaxe, filho de camponeses pobres, possui pouco estudo, o que faz dele um homem extremamente "tribalista". De origem *kimbundo*, não confia em Lutamos (o *cabinda*) e acredita, como outros membros do grupo, que os *cabindas* sejam um povo traidor. Sendo um *kimbundo*, constantemente desaprova as decisões de Sem Medo por este ser *kikongo*. Milagre é da opinião de que os *kikongos* invadiram o MPLA, antes comandado por maioria *kimbundo*. O grande rancor de Milagre baseia-se no fato de que o MPLA é um partido que acolhe diversas etnias, mas os *kimbundos* acreditam que são maioria e que o partido lhes pertence.

Quanto ao "tribalismo", Milagre é um dos personagens mais eloquentes, expondo frequentemente sua opinião sobre as "injustiças" cometidas por conta das diferenças tribais. A preocupação de Milagre se mostra inócua, porque nem tudo gira em torno do "tribalismo", como ele pensa, nem todos os homens são guiados por este preconceito, como ele claramente o é. Assim ele afirma na sua narrativa:

> Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, porque se defende a tribo que merece. E há o tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. [...] É verdade que todos os homens são iguais, todos devem ter os mesmos direitos. Mas nem todos os homens estão no mesmo nível; há uns que estão mais avançados que outros. São os que estão mais avançados que devem governar os outros, são eles que sabem. É como as tribos: as mais avançadas devem dirigir as outras e fazer com que estas avancem, até se poderem governar. (PEPETELA, 2013, p. 47).

Na opinião contundente de Milagre, os verdadeiros merecedores do direito de governar Angola são os *kimbundos*, "os filhos do povo", os que mais sofreram com o colonialismo, os que não se curvaram perante a dominação dos brancos, os que não fizeram acordos com os portugueses em troca de favores parcos. Os intelectuais, segundo ele, nada conhecem da vida e não sabem diferenciar o valor de um povo e de outro, acreditam que todos merecem os mesmos benefícios. Por esses motivos, Milagre

sente-se um desfavorecido por fazer parte de um comando chefiado por um *kikongo* como Sem Medo. O único que ele apoia cegamente é o Chefe de Operações (*kimbundo*), a ponto de ser incapaz de perceber a ganancia por trás das ações deste.

O Chefe de Operações e a ganancia

No quarto capítulo, o Chefe de Operações ganha voz como narrador em primeira pessoa e, mesmo não sendo nomeado, possui forte personalidade. O Chefe de Operações é um guerrilheiro competente, mas também um homem ganancioso buscando sempre subir no comando. Sua opinião tende sempre a ir contra a do Comissário Político e a favor do Comandante, mesmo quando, intimamente, sabe que o primeiro está certo e o segundo errado. Sua intenção é conquistar poder, subir no Movimento, alcançar postos mais altos, estando disposto inclusive a abdicar de sua identidade tribal para conseguir o que quer.

De origem *kimbundo*, não gosta de se relacionar com *kikongos* e *cabindas* na base, mas decidiu lutar em Cabinda não para ajudar a população local, mas para dividir as forças inimigas e indiretamente ajudar seu próprio povo. Apesar de não gostar de Sem Medo, por este ser um intelectual como os "tugas" e um *kikongo*, admite ser ele um bom Comandante. Embora discorde da sua opinião muitas vezes, não o questiona porque Sem Medo é um superior. Por outro lado, quando trata com subordinados, tende a ser preconceituoso. Desconfia que Lutamos seja um traidor só pelo fato de ser um *cabinda*, povo conhecido por se submeter aos planos dos colonialistas e por não aderirem ao Movimento Revolucionário.

Lutamos e o preconceito "tribal"

O capítulo final descreve o desfecho das ações da base militar no *mayombe*. O povo começa a apoiar os guerrilheiros e as perspectivas parecem favoráveis para o Movimento – mas ainda há uma importante missão a ser cumprida pelos guerrilheiros, a missão no Pau Caído. A operação no Pau Caído é muito arriscada, pois há forte resistência do inimigo. Os guerrilheiros entram em combate armado e violento e as consequências são devastadoras, incluindo a morte de alguns combatentes e do Comandante Sem Medo.

A única narrativa paralela que acontece neste episódio do Pau Caído é a de Lutamos, o guia. Por ter nascido e crescido em Cabinda, Lutamos era o responsável por guiar o grupo naquela região do *mayombe*. Sofre constantemente com o preconceito dos demais guerrilheiros por ser um *cabinda*, um povo conhecido pela alcunha de traidores, e por ter grande número de pessoas trabalhando para os colonialistas e pouquíssimos apoiando os revolucionários.

Quando o grupo de trabalhadores é capturado na mata, no primeiro capítulo, Sem Medo acredita que, ao perceberem que Lutamos também é de Cabinda como eles, terão mais confiança nos guerrilheiros. Mas enquanto Lutamos conversa em seu dialeto *fiote* com os trabalhadores, o Chefe de Operações não para de o observar, pois desconfia que Lutamos esteja prestes a trair a Base. Sem Medo percebe a desconfiança do Chefe de Operações e chega a conclusão de que o "tribalismo" é uma faca de dois gumes, ao mesmo tempo em que contribui, unindo o povo ao Movimento, também atrapalha dividindo os membros do próprio Movimento em grupos de acordo com as tribos.

Lutamos tem conhecimento de que alguns dos companheiros não gostam da sua presença na Base e sabe que não inspira confiança, por sua origem *cabinda*, apesar de dependerem dele para se guiarem pelo território hostil da floresta. Ele afirma:

> O Chefe de Operações não pode comigo, desconfia mesmo de mim, mas isso é normal. O povo daqui não apoia, homem de Cabinda é logo traidor... [...] Esse povo não é traidor, mas precisa de ver a guerra está a sair mal ao tuga. O Povo apoia o que tem razão, mas quando o que tem razão mostra que é forte. Os civis falam em Dolisie não se deve enviar comida porque nós não fazemos guerra e que o Comando está dividido por tribalismo e ambição... (PEPETELA, 2013, p.105).

Quando partem para o ataque ao Pau Caído, reconhece que o único *cabinda* que participará da operação será ele. Mesmo que o Pau Caído seja uma região dominada pertencente aos *cabindas*, e que estes serão os maiores beneficiados da desocupação colonialista. Muitas vezes, Lutamos acredita que os outros podem ter razão, que os *cabindas* são mesmo um povo traidor e que eliminá-los seria a única solução, mas depois de alguma reflexão, reconhece que, se ele pôde ser mobilizado para ajudar o Movimento, os seus irmãos de tribo também, se forem mobilizados e politizados devidamente, seriam capazes de contribuir com a Revolução. Dentre todos os membros da Base, até mesmo dentre os destribalizados, o único que não hostiliza ou discrimina Lutamos, por ser *cabinda* é o Comandante.

O Comissário Político e a “destribalização” através da política

O último narrador que analisaremos é o Comissário Político, sua narrativa é o epílogo do romance, porém suas falas mais importantes estão espalhadas ao longo de toda a narrativa. João, o Comissário Político, pertence aos *kimbundos*, mas, assim como Sem Medo, acredita fazer parte de uma minoria de angolanos sem contato com sua aldeia, por já ter vivido e conhecido tantas outras. A sua amizade e confiança em Sem Medo, um *kikongo*, levou os outros *kimbundos* do grupo, incluindo o Chefe de Operações, a vê-lo como um traidor da sua tribo, sempre a perseguir os seus irmãos.

O Comissário acredita e defende acima de tudo que as ações políticas sejam mais importantes que ações militares; julga importante conquistar o apoio do povo e unir os guerrilheiros de tribos diferentes para fazer avançar a guerra e fortalecer o Movimento. Conforme ele afirma no início do romance em uma conversa com Sem Medo:

> A guerra popular não se mede em número de inimigos mortos. Ela mede-se pelo apoio popular que se tem. [...] Temos de mostrar primeiro que não somos bandidos, que não matamos o povo. O povo daqui não nos conhece, só ouve a propaganda inimiga, tem medo de nós. (PEPETELA, 2013, p. 27).

Para ele, o povo deve confiar no partido, pois sem o apoio popular a guerra não evolui. Ao final do romance, a insistência do Comissário no trabalho de politização do povo - que parecia antes ser infrutífera – mostrou resultados muito positivos, trazendo para o partido mais voluntários, dentre eles, alguns dos trabalhadores daquela aldeia em Cabinda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discutir a literatura angolana é uma forma de fortalecer a nação e valorizar a cultura de um povo que muito sofreu com a colonização portuguesa e ainda luta para estabelecer sua identidade nacional. Angola ainda é visto como um país periférico e dominado pela violência e pelo preconceito. Os estudos pós-coloniais têm despertado olhares mais sensíveis para as questões do processo de descolonização dos países que – até pouco tempo atrás – eram territórios dominados pela exploração do império europeu.

Durante o processo de colonização e de posterior independência e descolonização, muitos mitos foram criados, dentre os quais a ideia de que os africanos não são um povo unido. Na verdade, a representação da África como um continente dividido por guerras étnicas é muito frequente no ocidente. *Mayombe* (2013), romance fortemente fundamentado nas experiências do próprio autor, vem demonstrar as verdades e os mitos existentes nessas representações. Muito embora, como romance, não possa ser tomado como documento oficial ou estudo antropológico, por meio da análise de cinco de seus narradores de primeira pessoa, pudemos chegar a algumas conclusões, cujos resultados passamos a explanar.

De fato, existe na Base uma tensão forte entre o grupo de homens de origem *kimbundo* e os de origem *kikongo*. Os dois grupos desejam a ruptura entre o Comandante Sem Medo (*kikongo*) e o Comissário Político (*kimbundo*), porém, ambos os responsáveis são grandes amigos e não se veem condicionados pelo problema tribal. Por outro lado, os homens que não pertencem a nenhuma destas duas tribos são a favor da união entre os dois responsáveis e acreditam que somente chefes de tribos diferentes podem manter a unidade de uma Base tão mista. Para tanto, devem ser capazes de superar a questão das diferenças entre as tribos, e se enxergarem como dois companheiros lutando contra um inimigo comum.

Na concepção de Sem Medo, o problema do "tribalismo" no interior do Movimento é visceral, não poderá acabar facilmente, nem durante nem depois da guerra, mas poderia ser amenizado, pelo menos entre *kikongos* e *kimbundos*, se o povo de Cabinda aderisse em massa ao MPLA. Na base militar, todos os guerrilheiros devem obediência a um único comandante, todos lutam pelo mesmo objetivo. As diferenças tribais influenciavam na formação de minigrupos dentro do comando, mas desapareciam quando estavam diante de um inimigo comum a todos, os portugueses.

Assim, concluímos, com a análise do romance, que o "tribalismo", apesar de dificultar a relação entre os homens no interior da base militar, é superado quando surge uma situação de importância superior, como uma batalha arriscada, ou outros tipos de situações adversas. Em situações como essas, os homens de diferentes tribos são capazes de esquecerem suas origens e ajudarem-se uns aos outros como se fossem de fato irmãos. Percebe-se que o "tribalismo" não é o problema central que teria

atravancado a guerrilha, mas sim a corrupção e a ambição individual de alguns membros, constantemente mascarados pelas diferenças tribais.

Até mesmo a mestiçagem, considerada por Teoria como algo relevante, é prontamente deixada de lado pelos outros quando o mestiço porta-se corajosamente demonstrando bom caráter e confiabilidade. O problema do preconceito contra os mestiços não parece estar ligado tanto ao indivíduo em si, mas aos benefícios que este pode vir a adquirir em decorrência da sua pele quase branca.

Dessa forma, após analisarmos cinco dos principais narradores de primeira pessoa de *Mayombe* (2013), pudemos concluir que acima do tribalismo, e da mestiçagem existem fatores mais determinantes para os conflitos sociais e problemas que atravancam o avanço da Revolução em Angola, como a ambição pessoal e o desejo de poder.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CHAVES, Rita e MACÊDO, Tania (Orgs.). *Portanto... Pepetela*. – São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais.* Belo Horizonte: Editora UFMG/ Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

____. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 9. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

PEPETELA. *Mayombe*. – São Paulo: Leya, 2013.

SERRANO, Carlos e WALDMAN, Maurício. *Memória D'África*: A temática africana em sala de aula. – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

TUTIKIAN, Jane. *Velhas identidades novas*: O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. – Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.